

# Auditório eleitoral

A candidatura de Sílvio Santos afronta o eleitorado, este contingente que amargou os duros anos de hibernação de nossas instituições e de avacalhação do processo eleitoral e esperou poder votar em candidatos que, pelo menos, independentemente de condição ideológico-partidária, pudessem surgir nesse processo como participantes legítimos, dentro da legalidade que a Lei Eleitoral faculta, ao invés do arrivismo, da articulação velada, do arranjo palaciano e do oportunismo caviloso, como convém fazer (e fizeram) os áulicos do Planalto.

O comportamento político dos países civilizados se sustenta num indissociável respeito à Lei como mantenedora do equilíbrio institucional e avalista da normalidade democrática. Toda a América Latina, que vem enfrentando semelhante processo de abertura, transição e normalidades institucional, por mais negros e obscuros que tenham sido os governos do passado, se encaminharam para a nova fase obedecendo suas legislações peculiares, apostando na credibilidade dos concorrentes e enfrentando, sem paraquedismo ou subterfúgios, o processo eleitoral que lhes é próprio. Aqui, de forma surrealista, imoral, criminosa até, burlam os procedimentos mais comesinhos, adulteram a disputa de maneira conspirativa, rebuscam a Lei com vetos de má-fé e sem o menor respeito pelo eleitor, sustentados nessas arapucas, atropelam as outras candidaturas com a inserção de um novo nome, surgido como messias nas hostes do poder, engendrado de maneira estranha à limpeza que um regime tido democrático e pluralista diz ostentar. É um surrealismo eleitoral de tamanha dose.

A candidatura Sílvio Santos não é apenas a maldosa articulação da receita reacionária enquistada na Praça dos Três Poderes. É, antes de tudo uma vergonhosa fraude patrocinada pelo sistema que aí está, de uma República que há menos de cinco anos nascia sob os auspícios do "novo" e de um pretenso "compromisso com a nação" e que revelou a sua pior virtude: o cinismo. É a imagem viva da decadência moral por que passa nosso sistema político, cevado na mediocridade dos últimos governos ilegítimos e sem sustentação popular. Vício incorrigível de um sem-número de velhacos "homens públicos" que sempre foram acobertados por esses regimes e nele fizeram carreira e tiveram prosperidade econômica, à custa dessas fraudes, dos privilégios indecorosos e das artimanhas injustas. Não há a menor dúvida de que o Senhor Abravanel (vulgo Sílvio Santos) tem o patrocínio desse auditório de marionetes que parasitam o poder inautêntico. **Ronaldo Cagiano Barbosa — SQS 403**